

A INTRODUÇÃO REFERENCIAL EM TEXTOS VERBO-IMAGÉTICOS

Walleska Bernardino Silva*

RESUMO

Este artigo contempla parte dos resultados da pesquisa de doutoramento que teve por objetivo geral analisar o funcionamento referencial de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos. Para tanto, foram selecionados 22 textos verbo-imagéticos presentes em dois gêneros distintos: a tira e o anúncio publicitário. A fundamentação teórica competiu aos postulados da Linguística Textual de base sociocognitivo-discursiva, especialmente a referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), por meio da abordagem referencial da não menção cotextual (CAVALCANTE, 2011). Os princípios e categorias de análise dessa abordagem foram correlacionados à teoria de modelos de contexto de Van Dijk (2012). O foco deste artigo, especificamente, é mostrar como funcionam os objetos de discurso em uma das categorias de análise do *corpus*: a introdução referencial. Foi constatado que em todos os textos houve introdução referencial realizada por objetos de discurso nos modos verbal e imagético e recategorizados, prioritariamente, por objetos de discurso no modo imagético. Também foi possível atestar a multifuncionalidade da introdução referencial, uma vez que não se deteve apenas à função de apresentar referentes.

Palavras-chave: Linguística textual; referenciação; objetos de discurso; textos verbo-imagéticos.

ABSTRACT

This article is part of the doctoral research results which had the main object to analyze the referential operation of objects of discourse in verb-imagery texts. For the analyses of objects of discourse were selected 22 verb-imagery texts present in two different genres: the strip and the advertisement. The theoretical validity was incumbent on the postulates of Textual Linguistics with social cognitive discourse basis, specially the referenciation (MONDADA; DUBOIS, 2003), by the referential approach and non-contextual mention (CAVALCANTE, 2011). The principles

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professora na Escola de Educação Básica da UFU. walleskabs@yahoo.com.br

and categories of analysis of this approach were correlated to the model theory of context by Van Dijk (2012). The focus of this article, specifically, is to show the objects of discourse in one of corpus categories of analysis: the referential introduction. It was found that in all the texts was carried out by referential introduction, performed by objects of discourse in verbal and imaging manner and recategorized, primarily, by objects of discourse in imaging manner. It was also proved the multifunctionality of referential introduction, since not only showed the function of presenting references.

Keywords: *Textual linguistic; referenciation; objects of discourse; verb-imagery texts.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo recorta parte de uma pesquisa de doutoramento, “A referenciação em textos verbo-imagéticos”, que teve por fundamentação dois pressupostos. O primeiro deles trata da consideração da referenciação como um mecanismo sociocognitivo-discursivo importante, dentro do domínio teórico da Linguística Textual, para a promoção da competência discursiva¹ do sujeito, posto que colabora de forma decisiva não somente para a introdução referencial, retomada e (re) categorização de referentes, mas, sobretudo, para a progressão e organização textual-discursiva. O segundo pressuposto é o princípio de complementaridade que subjaz aos modos de significação na materialidade textual; em outras palavras, verbal e imagético não se relacionam hierarquicamente, mas se sobrepõem. Não se pode priorizar um em detrimento do outro.

Orientada por esses pressupostos, propus, na pesquisa de doutorado, um olhar do campo da Linguística Textual de base sociocognitivo-discursiva para o tratamento do texto que abrange modos outros de significar. Interessou-me analisar o texto verbo-imagético, a partir, centralmente, de um mecanismo sociocognitivo-discursivo: a referenciação. Isso significou propor desvelar meios de produção do sentido que articulam palavra e imagem, por meio da resposta aos questionamentos que nortearam a pesquisa: Como a referenciação, mecanismo utilizado para análise do texto verbal, opera em textos verbo-imagéticos? Quais relações estabelece? Há mudanças significativas para o estudo da referenciação a partir dessa confluência entre palavra e imagem consideradas concomitantemente na materialidade textual?

Com base nessas indagações, objetivei, em linhas gerais, analisar o funcionamento de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos, fundamentada por um mecanismo da Linguística Textual, a referenciação. Mais especificamente, objetivei: i) identificar, descrever e analisar o funcionamento de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos, utilizando gêneros distintos, no caso do *corpus*, anúncio publicitário e tira; ii) estender categorias de análise referenciais do texto verbal ao texto verbo-imagético; iii) verificar se os princípios, ao se propor a extensão da

¹ A competência discursiva diz respeito à adequação da comunicação às múltiplas situações de interação, ou seja, consiste na aptidão dos sujeitos em produzir e interpretar textos em geral, por meio do acionamento de estratégias de ordem sociocognitivo-discursiva.

referenciação para o texto verbo-imagético, foram os mesmos que os utilizados para a referenciação em textos verbais.

Para isso, o *corpus* escolhido foi composto por 22 textos, sendo: 11 anúncios publicitários, com apenas um enquadre,² e 11 tiras, com mais de um enquadre. Nesse *corpus*, a proposta foi verificar como a referenciação, enquanto mecanismo sociocognitivo-discursivo que opera em favor da coerência dos e nos textos verbais, pode contribuir para a textualidade³ em textos que fogem à monomodalidade. Propus, ainda, verificar: i) se todas as categorias de análise referencial do texto verbal foram contempladas no texto verbo-imagético; ii) se o funcionamento dos objetos de discurso variou em conformidade com os enquadres nos quais se apresentaram; iii) se houve condições de propor regularidade para os processamentos referenciais, independentemente do gênero em que figuraram os textos verbo-imagéticos.

A hipótese deste estudo foi que, semelhantemente ao que ocorre no texto verbal, a referenciação funcionaria como um mecanismo de produção e compreensão de textos verbo-imagéticos, podendo, portanto, as categorias referenciais do texto verbal ser estendidas ao texto verbo-imagético, sem alteração dos princípios que orientam a referenciação, haja vista a base epistemológica que sustenta essa noção. Nesse sentido, possíveis mudanças dar-se-iam com relação não aos princípios ou categorias que subjazem à noção de referenciação, mas à maneira como essas relações referenciais nos textos verbo-imagéticos acontecem em um e outro gênero, dadas as características composicionais, estilísticas e estruturais dos gêneros.⁴ Ou seja, mesmo apresentando funcionamentos diversos com relação aos objetos de discurso, seria possível estabelecer regularidades para o processamento referencial nos textos verbo-imagéticos, além das diferenças relativas ao gênero.

Dentro desse contexto, o artigo que ora apresento evidencia parte dos resultados dessa pesquisa de doutoramento; especificamente trata de apresentar o funcionamento de objetos de discurso em uma das categorias de análise da referência: a introdução referencial.

Antes de tratar dos achados da pesquisa no que se refere à categoria introdução referencial, apresento a abordagem teórica referencial que subsidia minhas análises bem como a metodologia empregada.

2 ABORDAGEM REFERENCIAL NÃO ATRELADA À MENÇÃO COTEXTUAL

Nesse estudo, optei pela utilização preferencial⁵ do termo objetos de discurso para nomear as entidades referenciais dos textos verbo-imagéticos, acreditando que a referência além de ser uma coconstrução discursiva ocorrida somente na e pela interação vai além do que está textualmente posto. Por isso, assumo com Cavalcante (2011) e Apothéloz (2001) a não necessidade de a expressão referencial ser explicitada no cotexto e, em consequência, a premissa de que a cons-

² Por enquadre, entendo as fronteiras físicas de uma enunciação.

³ Entendo por textualidade o conjunto de fatores de ordem sociocognitivo-discursiva que propiciam um texto ser compreendido como um todo significativo em uma enunciação.

⁴ Isso significa que o espaço material de ocorrência do gênero, sua formatação em enquadres e sua função social poderiam determinar, em medida, o funcionamento das relações entre os objetos de discurso nos gêneros analisados.

⁵ Sem desconsiderar a noção que persigo em relação à atividade negociada de construção referencial, em algumas ocorrências, utilizo como sinônimo de "objetos de discurso" as noções "referência" e "expressões referenciais".

trução da referência depende da integração de múltiplos fatores, daí uma perspectiva sociocognitivo-discursiva.⁶

A partir dessa posição, essa pesquisa enquadra-se na segunda tendência de estudos sobre a referenciação: a que considera a construção sociocognitivo-discursiva dos objetos de discurso independente de sua manifestação formal no cotexto.

Enquanto a primeira abordagem necessariamente leva em conta a aparição de um antecedente (pontual ou por meio de âncoras) na materialidade textual para marcar os processos referenciais, a segunda abordagem não descarta esse tipo de ocorrência referencial explicitada no contexto,⁷ mas não se limita a ela. Nesse sentido, cabe a ressalva de que não é oportuno considerar essas duas abordagens como antagônicas, mas complementares, pois uma não invalida a outra; até porque muitos dos princípios e pressupostos das duas abordagens são coincidentes.

Para melhor compreensão dessa abordagem, que se insere na perspectiva sociocognitivo-discursiva, e orientada pela releitura de Cavalcante (2011), propus enumeração dos princípios gerais que a embasam, de acordo com o meu entendimento acerca dessa abordagem que ainda está em processo de elaboração. Os principais pesquisadores responsáveis por esta proposta integram o grupo Prottexto.⁸ Embora os princípios que subjazem à abordagem referencial da não menção cotextual estejam todos, de alguma forma, imbricados, eles foram segmentados e pormenorizados abaixo, visando a uma melhor compreensão.

I. **A referência é essencialmente um processo de atenção e interação** (APOTHÉLOZ, 2001; CAVALCANTE, 2011). Atenção, porque os (co)enunciadores de um evento comunicativo voltam conjuntamente sua atenção para as entidades referenciais que focalizam na interação, independente da modalidade sob a qual ocorrem. Interação, porque a referência só se processa no decurso da interação.

II. Ao analisar como o objeto de discurso vai sendo configurado, **não apenas os indícios do cotexto são considerados, mas “todos os outros dados do entorno sociocultural e situacional dos enunciadores e coenunciadores”** (CAVALCANTE, 2011, p. 53, grifo meu). Com isso, vários são os fatores, para além do linguístico, que participam da homologação dos processos referenciais: cognitivos, sociais, históricos, culturais, ideológicos. Por isso, “Todas as estratégias de referenciação [são] um processo sociocognitivo-discursivo, para o qual convergem condições contextuais diversas” (CAVALCANTE, 2011, p. 125).

⁶ Na abordagem sociocognitivo-discursiva, o sujeito, sua história, os processos culturais envolvidos na sua constituição são de suma importância para o processamento cognitivo, que deixa de ser algo puramente formal, reduzido a modelos de processamento do conhecimento, para tornar-se uma cognição atrelada, necessariamente, à consideração de um contexto sócio-histórico cultural. Trata-se de entender que o corpo e, por conseguinte, a mente pressupõem um sujeito que vive e age no mundo conforme os limites e orientações culturais de seu entorno.

⁷ “[...] não se pode negligenciar o emprego da expressão referencial, quando ela ocorre efetivamente” (CAVALCANTE, 2011, p. 134).

⁸ Grupo de Pesquisa em Linguística, sediado na Universidade Federal do Ceará (UFC), cujo desenvolvimento articula-se em mais de um eixo, sendo um deles relativo à análise de processos referenciais e suas funções textual-discursivas, sob a linha de pesquisa “Práticas discursivas e estratégias de textualização”, tomando como base a LT. Neste eixo, a professora doutora e pesquisadora líder do grupo, Mônica Magalhães Cavalcante, é destaque pelas contribuições dadas à compreensão da referenciação como um fenômeno sociocognitivo-discursivo dinâmico e complexo. Sítio do grupo: <<http://www.prottexto.ufc.br>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2015.

- III. **O objeto de discurso nem sempre é explicitado por uma expressão referencial no cotexto**, mas não há desconsideração quando sua ocorrência é marcada no cotexto. Ou seja, “os processos referenciais não precisam, necessariamente, estar associados à menção de expressões referenciais para serem introduzidos no universo de discurso criado a partir do texto” (CAVALCANTE, 2011, p. 119).
- IV. A ação dos interlocutores na interação tem a capacidade de alterar ou transformar o objeto de discurso progressivamente à medida que os interlocutores a ele se referem (CAVALCANTE, 2011). Por isso, a construção da referência é **um processo contínuo (res)significado na e pela interação, não havendo dissociação, portanto, entre a referenciação e o processo cognitivo da (re)categorização** (CAVALCANTE, 2011; CIULLA; SILVA, 2008). “Categorizar é sempre recategorizar” (CIULLA; SILVA, 2008, p. 30).
- V. **Há um acordo tácito de cooperação do interlocutor**⁹ quando os referentes são introduzidos pelas expressões referenciais. “Por isso, toda entidade referida é construída sob a pressuposição de que de algum modo vai tornar-se acessível na interação” (CAVALCANTE, 2011, p. 119).
- VI. **“Não se pode, a priori, estabelecer uma relação fixa entre formas de expressão referencial e tipos de campos de onde se origina a informação que elas veiculam”** (CAVALCANTE, 2011, p. 49, grifo meu), por exemplo: os pronomes demonstrativos são mais apropriados para especificar objetos no ambiente físico. O fundamental é a acessibilidade como esse referente se apresenta, em dado momento, junto aos elementos que compõem a situação de uso da linguagem.
- VII. Não há nada que não possa ser desestabilizado ou “deategorizado”. **Os objetos de discurso têm por característica paradoxal a instabilidade e a estabilidade** que se dão na e pela interação.
- VIII. Na literatura da área, os limites entre o que seja introdução referencial, anáfora direta, anáfora indireta e dêixis tornam-se fluidos em algumas situações, o que gera uma impossibilidade de separar de forma certa e precisa o que é de ordem textual do que é extratextual ou ainda de dizer que um tipo de anáfora exige mais ou menos capacidade inferencial que outra (CAVALCANTE, 2011). **Os processos referenciais desempenham vários papéis simultaneamente** (CIULLA; SILVA, 2008).
- IX. **“Todos os atos referenciais envolvem algum tipo de inferência”** (CAVALCANTE, 2011, p. 142, grifo meu), inclusive as anáforas correferenciais. Por isso, todo processo referencial é “indireto” no sentido de pressupor demanda cognitiva, social, histórica, cultural e discursiva.
- X. **“Todo processo de referenciação exerce uma função argumentativa”** (CAVALCANTE, 2011, p. 157, grifo meu), o que evidencia que, em se tratando de linguagem, não há neutralidade.

⁹ Por isso, a escolha pelo termo coenunciador, porque, na busca pela compreensão, o interlocutor oferece uma resposta ao que lhe é solicitado. Há momentos, neste estudo, em que o termo leitor é utilizado como sinônimo de coenunciador.

Nessa abordagem, os princípios¹⁰ foram evidenciados e discutidos em Cavalcante (2011) por meio de exemplos que primam pelo modo de significação verbal. Daí, o *dever* no campo dos estudos referenciais ao objetivar verificar se os princípios que recobrem a referenciação em textos verbais podem também recobrir a referenciação em textos verbo-imagéticos. Por isso, sigo discorrendo sobre como essa abordagem, que trata da referência sem necessariamente prender-se à menção contextual,¹¹ fundamenta-se na categoria introdução referencial, a partir dos princípios listados anteriormente.

Norteando a defesa dos princípios da abordagem referencial não atrelada à menção cotextual, Cavalcante (2011, p. 122) defende que: “O referente, ou objeto de discurso, é uma entidade que emerge da própria interação e nem sempre se explicita por uma expressão referencial, quer se introduzindo no discurso, quer apenas se mantendo nele sem muitas alterações, ou quer se mantendo, mas se recategorizando”. Nessa linha, ela retorna, em sua obra, a estudos prévios, muitos de integrantes do Protexito (COSTA, 2007; LEITE, 2007a e 2007b; CIULLA; SILVA, 2008; LIMA, 2009), para construir o percurso argumentativo dessa abordagem. Nisso, a autora apresenta noções que são desestabilizadas¹² por essa perspectiva que não se atém ao limite do explicitado no texto para a análise dos processos referenciais.

Essas desestabilizações são propostas com base no próprio funcionamento dos objetos de discurso na interação, o que culmina em questionamentos sobre algumas noções e limites teóricos impostos aos processos referenciais. O que a autora propõe, então, é evidenciar como esses limites não são completamente definidos e como a natureza dinâmica e negociada dos processos referenciais acaba por desestabilizar fronteiras que isolam, ou pelo menos tentam isolar, tais processos. Em outras palavras, “qualquer dado nos diversos níveis do universo textual/discursivo pode atuar em conjunto com outros para condicionar o falante a selecionar, entre as inúmeras formas possíveis, uma determinada expressão em lugar de outras” (COSTA, 2007, p. 167-168). Daí, a necessidade de redimensionar esses processos referenciais de modo a fazê-los ganhar, paulatinamente, definições e contornos mais adequados ao seu funcionamento no discurso. É isso o que as desestabilizações apresentadas objetivam. Tais desestabilizações propostas são orientadas pela configuração do esquema geral da abordagem referencial não atrelada à menção cotextual, a saber:

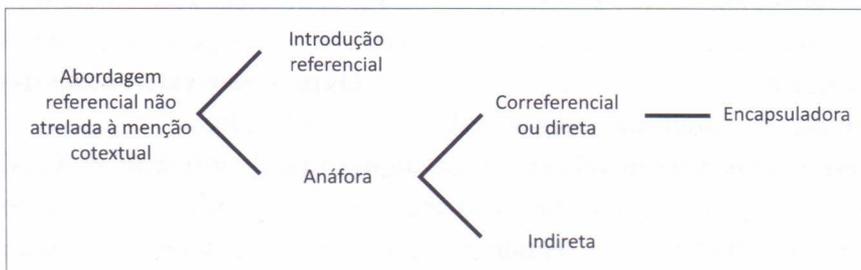


Figura 1 - Esquema da abordagem referencial não atrelada à menção cotextual.
Fonte: adaptado de Cavalcante (2011).

¹⁰ Faço questão de salientar que a reunião dos princípios dessa abordagem deu-se conforme minha leitura sobre a obra de Cavalcante (2011). Não houve de modo pontual, nessa obra, a reunião dos princípios conforme estou empreendendo.*

¹¹ Uma ressalva: como o próprio título do capítulo sugere, a abordagem que por ora apresento não está de modo algum esgotada ou com conceitos e definições prontos. Ou seja, as pesquisas concluídas sobre processos referenciais diversos servem para questionar o que já existe teoricamente a fim de propor outra maneira de considerar o objeto de discurso que não atrelado às amarras cotextuais. Por isso, a abordagem é uma alternativa ainda em construção quanto ao que já foi apresentado teoricamente sobre os processos referenciais na LT, oferecendo nova perspectiva de estudo para a referenciação de modo a contemplar mais detidamente os processos que participam da construção referencial e que não estão evidenciados de modo explícito no texto. Isso, por sua vez, não invalida o que já foi feito.

¹² Termo utilizado por Cavalcante (2011).

Assumo, portanto, com essa abordagem que a referenciação conta com dois grandes processos referenciais, designados pelas suas funções gerais: i) a introdução referencial, responsável por introduzir formalmente um novo referente no discurso, e ii) a anáfora, responsável por promover continuidade referencial e progressão textual. A partir desses processos, as desestabilizações são geradas. Deter-me-ei apenas à primeira desestabilização proposta, foco deste artigo.

2.1 A primeira desestabilização: a noção de introdução referencial

A primeira desestabilização ocorre com a noção de introdução referencial. Esse processo acontece quando o referente aparece pela primeira vez no texto, como mostrado pelo exemplo abaixo:

(01) O sujeito chega para o padre e pergunta:

- Padre, o senhor acha correto alguém lucrar com o erro dos outros?
- É claro que não, meu filho!
- Então me devolve a grana que eu te paguei para fazer meu casamento.

(Piada, As melhores piadas de Casseta e Planeta, v. 4. In: CAVALCANTE, 2011, p. 54)

Nesse exemplo, os referentes “o sujeito” e “o padre” apareceram preliminar e formalmente no texto sem que houvesse qualquer tipo anterior de invocação a eles, por isso, são designados como introduções referenciais.

Cavalcante (2003), no seu artigo “**Expressões referenciais: uma proposta classificatória**”, propôs um subtipo para as introduções referenciais, denominando-as de introduções referenciais puras, ou seja, expressões referenciais introduzidas preliminarmente no discurso e que não têm por função a continuidade referencial.¹³ O excerto abaixo exemplifica esse tipo por meio das expressões “um homem”, “na mesa” e “uma mulher”.

(02) Se **um homem** bate **na mesa** e grita, está impondo controle. Se **uma mulher** faz o mesmo, está perdendo o controle (Piadas da Internet. In: CAVALCANTE, 2003, p. 106).

A partir desse exemplo de Cavalcante, Costa (2007) recuperou a visão de Ariel (que apresenta teoria sobre acessibilidade do referente) para discutir o *status* da introdução referencial pura. Segundo Ariel (apud COSTA, 2007), “as formas indefinidas funcionam realmente como introduções referenciais” (p. 170), conforme evidenciado pelos referentes “um homem” e “uma mulher”. Essas formas indefinidas são usadas para marcar a novidade do referente, conforme diz Costa, citando Brown e Yule (1983). Todavia, Costa (2007) discorda de Cavalcante (2003) quanto à designação de introdução referencial pura para a expressão “na mesa”. Segundo Costa, não é simples saber como determinar se o enunciador, ao optar pelo uso de uma forma, recorreu ou não ao contexto discursivo da situação imediata. Assim, quando a introdução é tida como dada, como diferir claramente uma categoria da outra? Qual o limite entre as anáforas indiretas e as introduções puras, por exemplo?

¹³ Além disso, considerou-as também não dêiticas por não pressuporem o tempo/espço dos interlocutores. Em relação à dêixis, ela não é entendida nessa abordagem como um processo referencial à parte, mas como fenômeno intercambiável nos processos referenciais.

Apoiada pela teoria de acessibilidade de Ariel, Costa assume: “fatores de todas as naturezas textual-discursivas atuam para aumentar ou diminuir o grau de acessibilidade dos referentes e, assim, influenciam a escolha das formas de designá-los” (COSTA, 2007, p. 171). Para essa posição, ela justifica:

há uma certa relação estereotipada entre o verbo “bater” e o argumento “na mesa”. Este é, como já vimos, um dos casos em que, segundo Ariel, o grau de acessibilidade do referente torna-se alto. É importante observar que essa estereotipia expressa-se no nível da sintaxe, mas não se reduz ao fato gramatical; constitui um fenômeno discursivo. No contexto discursivo da piada, que explora o machismo, o referente mesa seria facilmente inferido, como parte da ação de “bater na mesa”, atitude que seria “própria” do homem, isto é, daquele que se impõe (COSTA, 2007, p. 171).

Essa discordância leva Costa a afirmar que, no exemplo citado, a expressão “na mesa” não seria uma introdução referencial, mas uma anáfora indireta, o que permite dizer que os limites entre as introduções referenciais e as anáforas indiretas não são tão marcadamente definidos em todas as situações (CAVALCANTE, 2011). Por isso, Cavalcante (2011)¹⁴ coaduna com Costa (2007) quanto ao questionamento sobre a possibilidade de falar em introdução referencial e o momento da introdução.

Esse argumento, contudo, não invalida a noção de introdução referencial para objetos de discurso inteiramente novos que ainda não foram evocados no texto por nenhuma outra pista, mas propõe a discussão quanto à denominação desse tipo de processo referencial sem a consideração de outros fatores que participam da (re)construção dos objetos de discurso. Nisso, cabe o princípio já exposto de que nem sempre as fronteiras entre os processos referenciais estão tão delimitadas quanto se pensa.

Ainda é importante dizer que mesmo quando os referentes são inaugurados no discurso, há o pressuposto do contrato tácito de coparticipação do coenunciador que aceita responder ao que lhe é solicitado. Nesse sentido, o princípio do dialogismo bakhtiniano fica evidenciado, na medida em que não há qualquer enunciado que não seja preche de resposta. Cavalcante (2004) explica que:

[em não havendo uma indicação do que] o termo signifique, nem uma âncora anterior em que o referente se apoie. O que existe é a pressuposição pragmática de que o coenunciador sabe do que se trata, e de que, mesmo que não saiba exatamente, alguns indícios contextuais posteriores o levarão a reconstruir o objeto discursivo, ainda que vagamente (CAVALCANTE, 2004, p. 1).

Também é imprescindível mencionar que o processo de introdução referencial não pode ser considerado apenas como a ação de introduzir no cotexto um objeto de discurso que será recategorizado no decorrer da interação. Conforme Custódio Filho (2011), há casos em que uma introdução referencial já é recategorizada na inauguração do referente: “uma introdução referen-

¹⁴ A denominação introdução referencial pura já foi superada em Cavalcante (2011).

cial pode, muitas vezes, não ter apenas a função de apresentar um objeto, supostamente ‘isento’ de cargas significativas para além da sua identificação. Conforme já vimos, a primeira menção ao referente pode já vir marcadamente categorizada” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, 158).

O autor, inclusive, questiona se a recategorização da introdução referencial não seria constitutiva do processo de referenciação, dada sua alta frequência. Para sustentar esse posicionamento, ele acata as considerações de Silva (2004) que investigou os processos referenciais em notícias escritas para analisar a orientação do ponto de vista decorrente da seleção das introduções referenciais desde o título do texto. Para tanto, Silva utilizou de um mesmo episódio reportado, sob o gênero notícia, em três jornais diferentes. Nessa pesquisa, Silva verificou que a posição do enunciador quanto ao sujeito do fato noticiado era apontada já no título, como estratégia argumentativo-discursiva. Por isso, quanto à introdução de referentes, o autor salientou que “Diferentemente das expressões anafóricas, as quais remetem sempre a uma âncora do cotexto, o introdutor de referente apresenta-o pela primeira vez, fazendo uma antecipação que será essencial para que o leitor, ‘sozinho’, formule sua opinião e muitas vezes concorde com a do enunciador.” (SILVA, 2004, p. 66).

Custódio Filho (2011) acrescenta à pesquisa de Silva (2004) que essa função de introduzir um referente avaliativo não é exclusividade do gênero notícia, sendo possível identificá-la em outros gêneros, como no editorial. Custódio Filho termina suas considerações acerca das introduções referenciais mostrando dois processos que “atestam” a natureza recategorizadora da introdução referencial: i) a primeira aparição da expressão referencial já é categorizada pelo enunciador e pode, no decorrer do texto, ser confirmada pelo leitor; ii) depois dessa perspectiva inicial do referente, o enunciador incita o leitor a confirmar a pertinência da expressão introdutória referencial posta, por meio de uma empreitada para reconhecer se, de fato, é o referente de que tratou o enunciador e por que esse referente recebeu “designação, em princípio, inusitada”. Assim, o que se tem é que “o objeto de discurso não é tão evidente a partir do modo como ele vem formalizado pela expressão referencial” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 161).

Outro alargamento proposto à noção de introdução referencial advém do trabalho de Silva (2013) quanto à investigação sobre as formas e funções desse processo referencial, por meio da análise de quatro gêneros distintos da esfera jornalística, envolvendo elementos verbais e ou não verbais. Quanto às formas das introduções referenciais, Silva encontrou: i) expressões referenciais aparentemente neutras, ou seja, sem quaisquer marcas com cargas avaliativas; ii) referentes manifestados por imagens; palavras e/ou imagens com marcas intertextuais; e iii) expressões referenciais com marcas explicitamente avaliativas e, portanto, recategorizadoras.

Em relação à função, o autor destacou: i) o papel já esperado de inauguração dos referentes no texto/discurso; ii) a orientação do ponto de vista desde o título e ao longo do texto; iii) o encapsulamento de porções textuais; e iv) o “estranhamento” inicial sobre o referente, fazendo o leitor buscar, durante a leitura, a confirmação de quem é o objeto citado nas palavras e/ou imagens utilizadas no gênero. Silva ressaltou, ainda, a possibilidade da coexistência dessas funções especialmente em textos que envolvem não somente o modo verbal, o que também foi confirmado, conforme verificar-se-á ao longo deste artigo.

As categorias de análise utilizadas por Silva (2013) no que concerne às funções das introduções referenciais são também contempladas neste estudo, quando da análise desse processamento referencial nos textos verbo-imagéticos, conforme figura a seguir:

Categorias relacionadas à função
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação aparentemente neutra do referente. • Orientação de ponto de vista. • Recuperação na memória supostamente compartilhada. • Despertar a curiosidade e a necessidade de confirmação do referente. • Encapsulamento de informações.

Figura 2 – Quadro da categoria função das introduções referenciais.

Fonte: Silva (2013, p. 78).

Dentre outras contribuições de Silva (2013) para o redimensionamento da noção de introdução referencial, ressaltamos as que também foram atestadas pela análise do *corpus* desta pesquisa e que podem ser encontradas na análise apresentada por este artigo, quais sejam: i) a confirmação da recategorização enquanto um fenômeno que não está atrelado às anáforas;¹⁵ ii) a confirmação da função de encapsulamento das introduções referenciais, o que estende o processo de sumariação para além das ocorrências anafóricas; e iii) a confirmação da coexistência de funções para uma mesma introdução referencial.

3 METODOLOGIA

O funcionamento da introdução referencial apresentada neste artigo partiu da análise de 22 textos verbo-imagéticos de dois gêneros distintos: a tira e o anúncio publicitário. Foram escolhidos, primeiro, em virtude de serem gêneros cuja materialidade, comumente, compõe-se pelo verbal e imagético. Segundo, porque, em predominância, a cena enunciativa desses gêneros apresenta-se em apenas um enquadre, no anúncio publicitário, e em mais de um enquadre,¹⁶ na tira. Terceiro, porque são gêneros contemplados sobremaneira no ensino de Língua Portuguesa, por meio dos livros didáticos.¹⁷

Analisar o funcionamento de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos que compõem gêneros configurados em apenas um enquadre e em mais de um enquadre possibilita cotejar o funcionamento referencial, de modo a estabelecer paridades para a referenciação, e, por consequência, chegar a princípios comuns para o trato referencial, ou estabelecer distanciamentos que podem se dar por várias razões, dentre elas, pela estrutura composicional, estilística e temática do gênero.

Os gêneros tira e anúncio publicitário foram selecionados de um volume da coleção *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (CEREJA; MAGALHÃES, 2009), aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD,

¹⁵ Esse resultado corrobora com a desestabilização da abordagem referencial da não menção cotextual relativa ao fenômeno da recategorização.

¹⁶ A palavra “enquadre” foi minha escolha preferencial para a delimitação física que encerra o formato físico dos gêneros tira e anúncio publicitário. Essa delimitação física pode receber outras denominações na tira, como vinheta (VERGUEIRO, 2006; RAMOS, 2007) ou quadrinhos (EISNER, 2010; VERGUEIRO, 2006; RAMOS, 2007). Nessa pesquisa, quando me referir ao limite físico tanto das tiras quanto dos anúncios, os termos enquadre e cena serão entendidos como sinônimos.

¹⁷ Dentre os gêneros contemplados pelo livro para desenvolver a leitura, no livro didático escolhido como suporte textual de onde foi recolhido o *corpus*, a tira aparece como indicação para todos os anos do ensino fundamental e o anúncio aparece como indicação do 7º ao 9º ano (PNLD, 2010).

2010),¹⁸ no ano de 2011. O volume escolhido é o último da coleção para o ensino fundamental – anos finais, referente ao 9º ano. A opção por escolher esse suporte textual, o livro didático,¹⁹ e o volume relativo ao 9º ano se justifica, primeiro, pela consideração da minha experiência docente com a Língua Portuguesa nesse ano de ensino por meio dessa coleção didática. Também é preciso considerar que, dentre tantos recursos utilizados para o ensino da língua, um deles é o livro didático, ofertado gratuitamente pelo Governo aos alunos da rede pública de ensino, de acordo com a escolha da escola, orientada pelo PNLD, quanto à coleção didática a ser utilizada em ciclos trienais. Assim, o livro didático, em muitas cidades do país, constitui-se como uma das poucas opções disponíveis para o ensino de Língua Portuguesa.

Além disso, embora o livro de onde o *corpus* foi coletado contenha muitos textos verbo-imagéticos direcionados ao público do último ano do ensino fundamental e a maioria desses textos apresentem questões que levam o aluno a uma reflexão sobre os usos da língua, chamou-me a atenção o fato de que nenhuma atividade proposta a partir desses textos, no volume selecionado, tenha tido como objetivo pontual trabalhar com a referenciação, considerando o funcionamento dos objetos de discurso, conforme aparecem na materialidade textual: por meio de ocorrências verbais e imagéticas. Assim, refletir sobre o funcionamento de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos veiculados em material didático é também fomentar a discussão sobre estratégias de ensino para a compreensão do fenômeno referencial a partir de textos que comungam, ao mesmo tempo, dois modos: a palavra e a imagem.

No referido livro didático, são apresentadas 40 tiras e 29 anúncios publicitários. Os critérios de seleção para o *corpus* obedeceram algumas etapas, conforme o gênero selecionado.

Para a seleção das tiras, o primeiro passo constou do levantamento de todas que apresentavam materialidade textual composta por imagem e palavra e, em seguida, que se realizavam em mais de um enquadre. De 40 ocorrências, todas privilegiaram em sua composição a junção entre palavra e imagem. O segundo passo constou do critério enquadres. Para participar da seleção, as tiras deveriam ter mais de um enquadre. Com exceção de uma tira, todas as outras 39 se apresentaram com mais de um enquadre, confirmando a predileção das tiras pela estruturação composicional em mais de um enquadre. O terceiro passo foi contemplar as tiras em que o nome do gênero fosse evidenciado no enunciado das atividades ou na exposição de algum tópico de estudo; isso procurou mostrar o que, formal e conceitualmente, é disponibilizado ao aluno como tira, reforçando a identificação e reconhecimento do gênero discursivo em foco. Assim, das 39

¹⁸ “O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem por principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico”. Texto disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=668&id=12391&option=com_content&view=article>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

¹⁹ Há pesquisadores que discordam dessa posição e concebem o livro didático como gênero. Ver Bunzen e Rojo (2005). Todavia, assumo com Marcuschi (2003, p. 35-36, grifo do autor) a consideração do livro como suporte: “o livro didático tem interesses e objetivos específicos na escolha de certos gêneros (busca gêneros adequados a certos objetivos de ensino, visa a uma variação ampla, contempla os mais frequentes, exemplifica peculiaridades estruturais e funcionais), o que não atinge a estrutura dos gêneros, mas sua funcionalidade imediata no que tange ao interesse e não à função [...]. Por isso, o livro didático é um suporte e os gêneros que ali figuram mantêm suas funções básicas e originais, embora não de forma direta, já que assumem o propósito de operarem naquele contexto como exemplos para produção e compreensão daquilo que aqueles gêneros fazem em seus *habitats* originais”.

tiras restantes, 6 não continham qualquer indicação do nome do gênero, restando apenas 33.²⁰ O quarto passo para a coleta do *corpus* foi a seleção das tiras conforme sua autoria. Essa decisão visou, exclusivamente, ao cuidado de as análises não sofrerem intervenções por questões estilísticas. Escolher um único autor poderia induzir a análise do fenômeno referencial pela via do estilo, que, nesse caso, não seria o estilo do gênero, mas o estilo do autor. Assim, as 33 tiras apresentadas no livro didático, com mais de um enquadre e que detinham indicação do nome do gênero, eram de autoria de 11 produtores diferentes. O quinto e último passo foi a seleção da ocorrência, no livro didático, da primeira tira de cada um dos autores. Assim, foi formado o *corpus* de 11 textos verbo-imagéticos do gênero tira, digitalizados para análise.

Para acompanhar o número de tiras, foram selecionados também 11 textos verbo-imagéticos do gênero anúncio publicitário. A justificativa para o número de anúncios ser o mesmo do número de tiras deve-se ao cuidado de não privilegiar um gênero em detrimento de outro, o que poderia, a meu ver, colocar em xeque a análise, uma vez que o interesse geral da pesquisa é analisar o funcionamento referencial de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos, e não o gênero A ou B. Assim, mais uma vez, a tentativa foi a de minimizar possibilidades de interferência na análise da referenciação que a conduzissem por uma questão arbitrária.

Assim como na escolha das tiras, a escolha dos anúncios publicitários também obedeceu a etapas de seleção. A primeira delas foi a escolha de textos que contemplassem palavra e imagem em um único enquadre. Mais uma vez, o *corpus* confirmou, de maneira totalizante, a preferência pela configuração do gênero em apenas um enquadre e também a realização do gênero por meio de textos que privilegiam palavra e imagem na composição textual. A segunda etapa constou da organização dos anúncios publicitários conforme o eixo de vendagem. Assim, três categorias foram contempladas: os anúncios que vendiam ideias, os que vendiam serviços e aqueles que vendiam produtos. Essa separação em categorias também buscou minimizar o funcionamento da referenciação atrelado a perfis de anúncios publicitários. De um total de 29 anúncios, 7 (24,13%) vendiam ideias, 9 (31,03%) vendiam serviços e 13 (44,82%) vendiam produtos. Foi feita uma proporção matemática com relação aos números apresentados nas categorias e o total de textos que deveriam ser escolhidos.²¹ Por isso, da categoria venda de ideia, foram escolhidos 3 textos (proporção de 2,655); da categoria venda de serviço, foram escolhidos 3 textos (proporção de 3,413), e da categoria venda de produtos foram escolhidos 5 textos (proporção de 4,931), totalizando 11 ocorrências de textos verbo-imagéticos no gênero anúncio publicitário, que também foram digitalizados para as análises. A última condição para a escolha do *corpus* foi orientada pela busca por anúncios cujas marcas e ou instituições promovedoras da vendagem nas categorias elencadas – ideia, serviço e produto – não coincidissem; ou seja, a opção foi a de não repetir a marca e ou a instituição, mas ideias, serviços ou produtos poderiam repetir-se.

²⁰ É importante fazer a ressalva de que o fato de algumas tiras não terem o nome do gênero indicado nos enunciados ou em outras passagens não desautoriza a configuração e nomeação do gênero tira, porque a própria materialidade textual, com recorrência à estrutura composicional, ao tema e ao estilo sinalizam o gênero em questão.

²¹ Ao fazer a proporção, privilegiei o arredondamento da casa decimal da seguinte maneira: quando a primeira casa decimal foi maior do que 5, o número foi arredondado para cima, e quando a primeira casa decimal foi menor ou igual a 5, o número foi arredondado para baixo.

3.1 Procedimentos de análise

As análises do funcionamento de objetos de discurso em textos verbo-imagéticos pautaram-se pelos movimentos referenciais apresentados pela abordagem referencial da não menção contextual. Embasados por essa abordagem, os objetos de discurso (doravante ODs) foram analisados no processamento referencial a partir das categorias apresentadas, quais sejam: introdução referencial; anáfora direta; anáfora encapsuladora e anáfora indireta. Neste artigo, apresento os resultados do funcionamento dos ODs na categoria introdução referencial.

Para tratar dos ODs nos textos, foram consideradas ocorrências verbais em que figuraram sintagmas nominais,²² ocorrências imagéticas e ocorrências em que o referente, OD, não esteve posto explicitamente no cotexto, mas pôde ser recuperado por diversos fatores atuantes no e para o processo referencial, inclusive e sobremaneira pela coexistência do verbal e do imagético, conforme abordagem em que me situo.²³

À guisa de esclarecimento, faço a ressalva de que uma das grandes dificuldades na análise do texto verbo-imagético é justamente entendê-lo como um todo. Não se pode entender que a imagem está a serviço do verbal ou vice-versa; ao contrário, a análise empreendida nesta pesquisa primou pelo entendimento de que tanto o verbal quanto o imagético são pares na construção dos sentidos, isto é, ambos se complementam – premissa de complementaridade assumida no estudo. Todavia, para melhor dimensionar o funcionamento dos ODs nas categorias de análise eleitas foi inevitável tratar cada modo distintamente. Isso foi realizado com fins metodológicos, posição também partilhada por Cagnin (1975) e Vergueiro (2006), para tratar dos elementos constitutivos das histórias em quadrinhos: “[...] a análise separada de cada um deles [códigos visual e verbal] obedece a uma necessidade puramente didática, pois, dentro do ambiente das HQs, eles não podem ser pensados separadamente” (VERGUEIRO, 2006, p. 31).

Posto isso, reforço o esclarecimento de que as separações dos modos verbal e imagético em alguns momentos da análise para observação referencial justificaram-se pela necessidade de apresentação metodológica dos movimentos referenciais que um e outro modo exibiam. Contudo, a consideração da (re)construção de sentido do processo referencial somente foi analisada no bojo da enunciação, uma vez que sustento a referenciação como um fenômeno sociocognitivo discursivo. Nesse sentido assumo com Ciulla e Silva (2008, p. 17) que “a referência é um processo em que não se pode separar completamente o que é linguístico do que não é”.

²² Conforme Sousa e Silva e Koch (1998, p. 14): “O sintagma consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem”. Nesse sentido, entendo como sintagma nominal as unidades significativas que têm como núcleo, ou seja, que têm como elemento fundamental um nome ou um pronome substantivo (pessoal, demonstrativo, indefinido, interrogativo, possessivo ou relativo). Todos os sintagmas nominais serão considerados para efeito de análise, mesmo aqueles que se encontram alocados em sintagmas verbais e ou em sintagmas preposicionados, como no anúncio 2, em que a oração “Vamos acabar com esta espécie” conta com dois sintagmas nominais, a saber “Nós” (elidido) e “esta espécie”, cuja alocação encontra-se no sintagma preposicionado “com esta espécie”. É importante dizer ainda que a consideração dos sintagmas nominais em relação à sua extensão será feita de modo a atender o critério unidade de sentido na materialidade em que se encontram, como na tira 2, em que toda a expressão verbal é considerada, já que ela refere-se integralmente à imagem que apresenta a ação da menina Suriá “Vou pendurar água com açúcar pra vir beija-flor!”.

²³ Retomando Apothelóz (2001, p. 31) com tradução de Cavalcante (2011, p. 43): “(...) a referência não é, de modo algum, ligada a marcadores linguísticos particulares, nem notadamente àquilo que se convencionou chamar de ‘expressões referenciais’”.

Para o tratamento do *corpus* selecionado, primeiro, procedi à identificação dos ODs nos textos, considerando não apenas o cotexto, mas o entorno discursivo. Depois, os ODs encontrados em cada texto verbo-imagético foram enquadrados nas categorias propostas, conforme seu movimento referencial, e seu funcionamento foi descrito. Nesse momento, cabe a observação de que, como os textos selecionados para esta pesquisa propositalmente contêm apenas um enquadre, no caso dos anúncios, e mais de um enquadre, no caso das tiras, foi preciso estabelecer um critério para a análise dos ODs nos casos de apenas um enquadre, isto é, nos casos em que a análise priorizou ODs dentro de um mesmo enquadre (intraenquadre) nas tiras ou nos casos dos 11 textos dos anúncios publicitários, que apresentam um enquadre apenas.

Dessa necessidade, tanto nos anúncios publicitários quanto nas tiras, ao analisar ODs intraenquadres, um mesmo OD foi considerado ora individualmente perante todo o enquadre, ou seja, perante o co(n)texto de produção textual envolvendo ODs nos modos verbal e imagético, e ora posto em correlação direta²⁴ a outro OD dentro do enquadre. Nesse sentido, um mesmo OD, dependendo de sua consideração neste critério, assumirá mais de um movimento referencial; no caso do presente artigo, serão considerados apenas os ODs que figuraram como introduções referenciais.

Por fim, após analisar os ODs, verificando seu funcionamento em cada categoria e em cada gênero separadamente, com pelo menos um exemplo de cada ocorrência, propus uma reflexão acerca desses usos, de maneira a cotejar o funcionamento de cada categoria e de cada gênero, evidenciando regularidades e desvios com relação ao funcionamento dos ODs, considerando a possível interferência que o gênero pôde ou não exercer sobre eles. Os resultados da análise foram apreciados à luz da teoria da referenciação de base sociocognitivo-discursiva a fim de propor distanciamentos e ou encontros com os princípios que a referenciação utiliza para o texto verbal.

Isso posto, anuncio que as análises empreendidas neste estudo foram de natureza interpretativa e qualitativa para explicar o funcionamento da (re)construção de ODs, especificamente, na categoria introdução referencial.

4 A INTRODUÇÃO REFERENCIAL NO TEXTO VERBO-IMAGÉTICO

Conforme dito anteriormente, a Introdução Referencial (IR) na abordagem da não menção cotextual é um dos movimentos em que o referente é introduzido no texto, considerado como primeira aparição. Como visto, essa introdução pode acontecer de forma não marcada no cotexto, por meio da consideração de outros fatores que participam da (re)construção dos ODs.

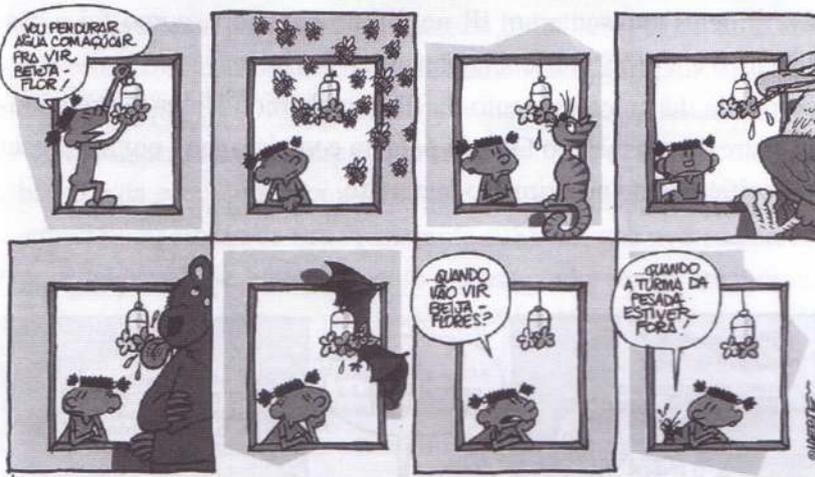
Além disso, a introdução pode ter outras funções que não apenas a de apresentar/introduzir o referente, como proposto por Silva (2013): i) apresentar de forma aparentemente neutra o referente; ii) orientar o ponto de vista; iii) recuperar informação na memória supostamente compartilhada; iv) despertar curiosidade e necessidade de confirmar o referente; e v) encapsular informações.

²⁴ A expressão "correlação direta" foi escolhida no intuito de contrapor a relação de um OD perante o todo co(n)texto. Assim, a escolha pelo termo corresponde à relação mútua empreendida especificamente entre dois ou mais ODs presentes no co(n)texto.

4.1 A IR nas tiras

A primeira recorrência do funcionamento da IR foi o aparecimento desse processo em todos os textos. Além dessa verificação, a IR constou em todos os primeiros enquadres das tiras. Essa segunda constatação parece um tanto óbvia, porque no primeiro enquadre é que, teoricamente, os ODs são apresentados, dada a sequencialidade cronológica e temporal da narrativa quadrinística. Todavia, o primeiro enquadre não foi o único lugar em que se observou esse processo referencial: de 11 tiras, 7 (63,63%)²⁵ apresentaram IR em enquadres diferentes do primeiro, conforme evidencia os enquadres 2 a 6 da tira 2, exemplo (03):

(03)



Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 31).

Os ODs imagéticos abelhas, gato, gavião, urso e morcego não eram previsíveis por nenhuma âncora ou fonte textual. Ao contrário, o OD esperado para os enquadres posteriores ao primeiro era justamente o “beija-flor”, conforme aparição no primeiro enquadre. Já no terceiro enquadre da tira 8, exemplo (04), há uma IR não explicitada cotextualmente, mas recuperável pelo amálgama de aspectos envolvidos na compreensão desse enquadre: o OD “agência bancária”.

(04)



(Adão Iturrusgarai. Folha de S. Paulo, 17/8/2005.)

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 188).

²⁵ Com exceção das tiras 1, 4, 5 e 7.

Esse processo se dá pela capacidade de o coenunciador, por meio de seu modelo de contexto (VAN DIJK, 2012), (rela)acionar cognitivamente conhecimentos sócio-histórico-culturais capazes de remeterem o cenário do enquadre juntamente com a participação dos ODs ao estabelecimento comercial banco. Para esse entendimento, são cruciais os demais ODs verbais do terceiro enquadre, “sua conta”, “seu nome”, “no Serasa” e “gerente”. E esse processo de IR se consuma porque, conforme o primeiro e o segundo enquadres da tira 8, exemplo (04), o OD “agência bancária” não tinha nenhuma referência anterior que o autorizasse, como mostra a narrativa na primeira e segunda cenas da tira.

Ou seja, diante da ausência de uma âncora (explícita ou implícita) no texto, o OD “agência bancária” configura-se como primeira aparição referencial. Considerando a aparição de IRs em outros enquadres que não o primeiro, o destaque fica para a aparição no último enquadre: de 7 textos, 5 (71,42%)²⁶ deles apresentaram IR no último enquadre, como foi o caso da bruxa má como gerente de banco e a própria agência bancária.

Outra recorrência do funcionamento da IR que chamou a atenção revelou-se pelo aparecimento intraenquadre de um mesmo OD via palavra e via imagem, como apresentado na tira 9, exemplo (05), especificamente no primeiro enquadre.

(05)



(Adolar. Folha de S. Paulo, 15/4/2005.)

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 233).

O OD avô é apresentado pelo modo verbal por meio de duas expressões referenciais: “vô” e “o senhor”, e pela imagem, o avô é apresentado sentado em uma cadeira de balanço. O mesmo acontece na tira 2, já apresentada pelo exemplo (03), no primeiro enquadre, quando toda a ocorrência verbal “Vou pendurar água com açúcar” é igualmente introduzida pela imagem da ação da menina Suriá,²⁷ pendurando um bebedouro para os beija-flores com água e açúcar.

Faço uma observação quanto à identificação da personagem Suriá, que advém da relação entre o OD verbal “eu” (pronomes pessoais elidido e recuperável pela desinência verbal de “vou”)

²⁶ Com exceção das tiras 2 e 6.

²⁷ Suriá é o nome da personagem das tiras de Laerte, voltada ao público infantil, e tem 9 anos.

e o OD imagético “menina” que, no enquadre, está falando – ação marcada pelo balão de fala e seu rabicho que aponta para a personagem, por isso sendo entendido como um recurso dêitico. Assim como esse exemplo, o uso de pronomes pessoais dêiticos²⁸ configurando IRs aconteceu em 6 (54,54%)²⁹ das 11 tiras do *corpus*. E dentro desse funcionamento, 5 tiras (83,33%) apresentaram o uso dos pronomes cuja função foi a de prover interação entre os personagens da própria tira. Apenas na tira 1 é que o uso elidido do pronome dêitico pessoal “você”, em “Sabia que os ratos são exímios nadadores?” tem a função de localizar o leitor da tira, em uma relação que extrapola a materialidade cotextual, mas que não deixa de ter função dêitica.

Outra consideração importante para este estudo é que não há como prever a ordem de leitura do coenunciador dentro de cada enquadre no que tange aos modos de significação,³⁰ ou seja, não há garantias quanto ao que será atualizado como primeira leitura: o modo verbal ou o modo imagético, especialmente porque se considera o todo da materialidade textual, o que reafirma a premissa da relação de complementaridade entre os modos. Além disso, não há condições de indicar, por exemplo, que os ODs verbais sejam introduções referenciais, porque em geral aparecem em posição superior no enquadre e, conforme tradição ocidental, a convenção de leitura é de cima para baixo e da esquerda para a direita, e que, em contrapartida, os ODs imagéticos sejam anáforas, como no exemplo da tira 9, exemplo (05), em que avô é apresentado tanto pela imagem quanto pela palavra. Esse funcionamento intraenquadre revela um movimento não linear que perpassa qualquer ato de leitura e não pode ser desconsiderado nesta análise, por isso o critério mencionado na metodologia quando da análise de ODs intraenquadre. Portanto, dentro de cada enquadre, quando há ODs comuns realizados concomitantemente por ambos os modos (verbal e imagético), a análise seguirá o princípio de que não se pode determinar a ordem de leitura, o que implicará a consideração desses ODs em ambos os modos e intraenquadres como processos de IR. Considerando que houve IR em todas as tiras, o aparecimento de um mesmo OD nos modos verbal e imagético configurando IR prevaleceu em 9 (81,8%)³¹ das 11 tiras.

Retornando ao primeiro enquadre da tira 9, exemplo (05), além dos ODs que têm aparição por meio dos dois modos de significação, o avô e o menino Teté, há uma IR que não apresenta esse funcionamento, ou seja, essa IR não tem ODs comuns apresentados nos modos verbal e imagético e que, ao mesmo tempo, sejam IRs. Essa situação aplica-se ao OD “Super-vó” que, no primeiro enquadre, aparece apenas sob OD no modo verbal. O reaparecimento da avó no último enquadre da tira 9, exemplo (05), já não se configura mais como IR, mas como anáfora direta recategorizada. Tal funcionamento ocorreu em apenas 4 dos 11 textos (36,36%).³²

O título da tira apresentado pelo OD verbal “Super-vó” é uma IR encapsuladora, porque esse OD tem a função de resumir porções de informação explícitas e implícitas do texto e recon-

²⁸ Cavalcante (2011, p. 95) tratará esse tipo de pronome como “dêitico pessoal” cuja função é identificar os interlocutores na situação de comunicação.

²⁹ Esse funcionamento pode ser observado nas tiras 1, 2, 4, 9, 10 e 11.

³⁰ Cabe a ressalva de que não se pode prever a ordem de leitura intraenquadre no que concerne aos modos de significação verbal e imagético em correlação direta. Contudo, essa ideia da não linearidade não se aplica totalmente quando se trata de analisar o modo verbal. Para esse modo deve ser levada em consideração a orientação de leitura que ele pressupõe, principalmente quando se trata de uma organização por meio de períodos, que é o caso das ocorrências no *corpus*. Assim, nesta pesquisa opto por considerar a linearidade do modo verbal quando não estou confrontando esse modo com o imagético.

³¹ As tiras que não contemplam esse funcionamento são 5 e 7.

³² Ocorreu nas tiras 5, 7, 8 e 9 (como mostrado pelo OD “Super-vó”).

figurar o referente orientando um posicionamento discursivo-argumentativo. Essa função de encapsular informações por uma IR ocorreu em 36,36% das tiras, ou seja, em 4 delas,³³ A partir da leitura de toda a tira é possível pressupor duas interpretações para “super”: i) a avó trabalha muito enquanto o avô não; e ii) a avó é tão corajosa a ponto de desbancar argumentativamente o avô quando contradiz o que o idoso dizia ao neto: “Disposição é algo que não me falta”. Dessa forma, o OD verbal “Super-vó” encapsula a informação de que a avó do menino Teté é uma senhora bastante ativa e especialmente sem preguiça, se comparada ao seu esposo, o avô de Teté, que não atende há uma semana uma solicitação da avó e que não levanta da cadeira. Essa informação encapsulada pelo OD “Super-avó” já traz uma orientação do posicionamento do enunciador. Assim, essa IR tem também a função avaliativa. Além disso, essa é a única tira que apresenta título. Nesse caso, uma das possibilidades de explicação da função encapsuladora da IR é sumarizar e avaliar simultaneamente o que vai ser narrado; função essa coincidente com a função geral dos títulos: sintetizar o que vai ser desenvolvido nos textos e apontar um direcionamento discursivo.

Outra tendência do funcionamento das IRs nas tiras relaciona-se à recategorização intra-enquadre, pelo modo imagético, do mesmo OD apresentado verbalmente. Em todos os casos, ou seja, em 100% das 9 tiras³⁴ em que o OD comum foi introduzido intraenquadre via palavra e via imagem e classificado como IR, a imagem foi responsável por recategorizar o OD verbal, resultando em uma IR recategorizada, conforme noção de recategorização apresentada por CAVALCANTE (2005, 2011); LIMA (2009); CUSTÓDIO FILHO (2011); SILVA (2004, 2013). Dessas 9 tiras que apresentaram recategorização pelo modo imagético, 7 (77,77%) delas apresentaram tal recategorização no primeiro enquadre e apenas duas (22,22%)³⁵ apresentaram esse funcionamento em enquadre diferente do primeiro. Exemplificando o funcionamento relativo a um OD imagético recategorizando um OD verbal, o primeiro enquadre da tira 3, exemplo (06), mostra o OD verbal “o corsário” sendo recategorizado pelo OD imagético: o cão corsário Vândalo.

(06)



Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 63).

Nessa tira, o OD “corsário” apresenta-se por meio do sintagma nominal “o corsário” e pela imagem do cão Vândalo, personagem das tiras de Orlandeli. Nesse texto, o conhecimento sócio-histórico cultural do que seja corsário é fundamental para a construção de sentidos. Historicamente, corsário era um pirata que tinha autorização de um governo para saquear navios

³³ Tiras 6, 8, 9 e 11.

³⁴ Menos as tiras 5 e 7.

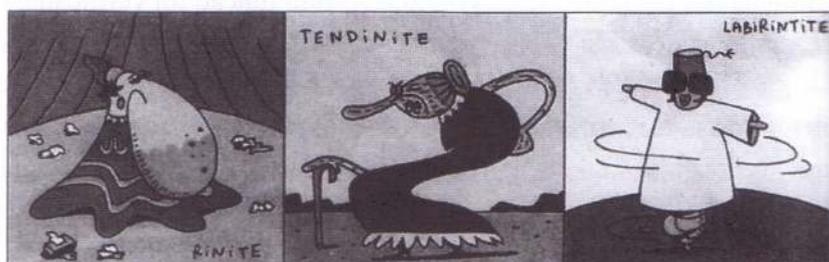
³⁵ Tiras 3 e 6.

de outra nação. Diferentemente de um pirata, que saqueava navios por conta própria, sem a tutela de um governo.

A expressão “o corsário” foi apresentada no primeiro enquadre por meio do determinante artigo definido que indica, dentre outras coisas, o fato de o enunciador apoderar-se do dispositivo-K, segundo Van Dijk (2012), pressupondo uma base comum de conhecimento entre ele e o coenunciador, considerando o K4: “Assuma que os leitores têm o mesmo conhecimento socio-cultural que você” (VAN DIJK, 2012, p. 128). Assim, o enunciador parte do pressuposto de que o coenunciador já sabe o sentido de corsário ou é capaz de recuperá-lo pelo contexto da tira. Se se considera essa última hipótese, o OD imagético será de crucial importância para (re)ativar conhecimentos na memória episódica do leitor ao mesmo tempo em que o recategoriza: Vândalo não é apenas o cão personagem das tiras de Orlandeli, cujo dono é Grump; ele é um corsário – visivelmente identificável como tal pela máscara nos olhos e pela capa, vestimentas importantes à caracterização de um corsário. Portanto, a função da IR do OD imagético cão corsário Vândalo é recuperar informação na memória partilhada.

Já a tira 6, exemplo (07), chama atenção pela sequência de IRs recategorizadas em todos os enquadres. Há um OD imagético proposto como recategorização para cada inflamação apresentada por um OD no modo verbal.

(07)



(Caco Galhardo. Folha de S. Paulo, 10/8, 2004)

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 148).

A proposta do enunciador é de acentuar o tipo de inflamação descrita em cada enquadre; por isso, na primeira cena, o destaque é o nariz,³⁶ reforçado pelos lenços espalhados pelo chão do que parece um picadeiro ou um palco; na segunda cena, o destaque é a coluna em forma de “s”, o que se refere aos tendões (partes dos músculos que se prendem aos ossos) da coluna,³⁷ na terceira cena, o foco é o movimento em círculo que se refere ao sentimento de quem sofre labirintite:³⁸ tontura.

A recategorização, nesses enquadres, acontece pelos ODs imagéticos e, a meu ver, apresenta a maioria das funções possíveis descritas por Silva (2013) para as IRs, a saber: i) função de recuperar informação na memória compartilhada, posto que o destaque da imagem é conferido à parte a que se remete à inflamação descrita verbalmente, o que colabora para a compreensão da tira com base na relação entre ODs verbal e imagético; ii) despertar a curiosidade e a necessidade

³⁶ Rinite é a inflamação da mucosa nasal.

³⁷ Tendinite é a inflamação de tendões.

³⁸ Labirintite é a inflamação do labirinto que se localiza no ouvido e é responsável pelo equilíbrio, postura e orientação corporal.

de confirmação do referente, pois, no caso, a imagem não prescinde do verbal, sendo compreendida quando o coenunciador é capaz de relacionar os ODs verbais e imagéticos; iii) encapsular informações, já que os tipos de inflamação estão condensados na imagem de cada OD em cada enquadre; e iv) orientar um ponto de vista, posto que as imagens representativas das inflamações aparecem de forma incomum: com maior proporção.

Essa coexistência de funções para uma mesma IR confirma o que já havia sido aventado por Silva (2013, p. 79): “Chamamos a atenção para a possibilidade de coexistência dos aspectos aqui apontados [funções exercidas pelas IRs], principalmente nos casos em que o texto envolve não apenas recursos linguísticos”. E isso acontece em grande parte graças ao redimensionamento que os ODs no modo imagético admitem.

Sobre isso, em todas as tiras, houve, pelo menos, mais de uma função para uma mesma IR, conforme mostrei por meio da tira 6, exemplo (07). Dessa recorrência, além da função de apresentar um referente, em 100% das tiras, as IRs tiveram também a função de orientar um ponto de vista. E, em geral, das 11 tiras, em 10 (90,90%) delas, a imagem foi responsável por apresentar a função avaliativa da IR, com exceção da tira 9, em que as imagens apenas apresentaram as IRs (o menino e o avô) de modo aparentemente neutro. Logo, a pertinência da recategorização acontecer pelos ODs no modo imagético.

Outro dado que deve ser levado em consideração por esta análise é a função de recuperação na memória partilhada das IRs. Em 7 textos (63,63%), essa função foi verificada. Concomitante a isso, quando essa função foi verificada em ODs verbais, o uso de determinante por meio de artigo definido foi expressivo: “os ratos” (tira 1); “o corsário” e “a garrafa de ice coke” (tira 3); “50% dos problemas de saúde” (tira 7). Esse dado atesta a capacidade de o artigo definido apresentar ODs como já conhecidos do coenunciador e ao mesmo tempo confirma a necessidade de antecipação da situação e dos coenunciadores, conhecimento que tem de ser mobilizado pelo enunciador por meio do dispositivo-K.

A função de despertar a curiosidade e confirmar o referente ocorreu com a mesma porcentagem da função de encapsulamento: 36,36%. Um exemplo seria o primeiro enquadre da tira 5, exemplo (08), quando Calvin brinca com o ioiô.

(08)



Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 126).

A brincadeira vai se confirmando ao longo dos enquadres, quando, na última cena, o menino é retomado com o ioiô parado na mão, depois de ter exposto suas habilidades com o brinquedo.

Já a função aparentemente neutra, que implica uma ausência de carga avaliativa, apareceu em 5³⁹ dos 11 textos, 45,45%. Essa função pôde ser observada, em maioria, em ODs no modo verbal, como o exemplo da tira 3, exemplo (06), por meio da ocorrência “a garrafa de ice coke” e da tira 6, exemplo (07): “rinite”, “tendinite” e “labirintite”. A única ocorrência em que o OD imagético mostrou-se enquanto IR com função aparentemente neutra foi a imagem do menino Teté e a imagem do avô no primeiro enquadre da tira 9, exemplo (05). Esses ODs apresentaram tal função em razão de uma não responsabilidade pela condução argumentativa do discurso no momento em que foram introduzidas.

4.2 A IR nos anúncios publicitários

Diferentemente das tiras que têm como organização uma sequência de enquadres, os anúncios publicitários eleitos para esta pesquisa contam apenas com um enquadre, o que gera funcionamentos diversos aos processos referenciais. Nos anúncios, a análise desses processos realizou-se considerando: i) individualmente um OD perante o enquadre, co(n)texto de produção textual; e ii) a correlação direta entre esse OD e outros ODs dentro do enquadre, conforme exposto na seção metodologia. Apresento o anúncio 1 como exemplo.

(09)



(26º Anuário do Clube de Criação de São Paulo, p. 91.)

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 60).

O OD tronco, que se apresenta sob os modos imagético (tronco serrado) e verbal (“os troncos que você serrou”), é considerado individualmente como uma IR em cada modo de significação. Ou seja, há IR por meio do OD verbal “os troncos que você serrou” e há IR por meio do OD imagético tronco serrado, enquanto esses ODs são tomados individualmente em relação

³⁹ Tiras 3, 4, 6, 9 e 10.

ao todo do co(n)texto. Isso acontece, porque não há como assegurar a ordem de leitura do coenunciador dentro do enquadre: ele pode iniciar a leitura pela imagem ou pelo arranjo verbal. Além desse processo de IR, esses mesmos ODs (“os troncos que você serrou” e tronco serrado) são considerados em correlação direta, por isso classificados como anáforas diretas, visto que ambos retomam-se, e, nesse sentido, independente da ordem de leitura: se primeiro a imagem ou a palavra, um retomará o outro que já foi introduzido no texto.

Retomado o esclarecimento, a primeira regularidade identificada nas IRs dos anúncios foi a presença desse processo referencial em todos os textos (100%), assim como constou também e de maneira totalitária no primeiro enquadre das tiras. Essa constatação, no caso dos anúncios, pode ser explicada pela configuração estrutural do gênero: em um enquadre apenas, os processos referenciais coexistem. Nesse sentido, torna-se coerente pensar no processo de IR como pertencente a qualquer domínio textual, haja vista sua função precípua de apresentar referentes.

Outras regularidades dizem respeito a, primeiro, o fato de as IRs aparecerem sob realização de um mesmo OD no modo verbal e no modo imagético em 10 de 11 textos (90,90%),⁴⁰ considerando a premissa de que não é possível assegurar a ordem de leitura do coenunciador intraenquadre; e, segundo, a recategorização dessas IRs a partir de um mesmo OD deu-se pelo modo imagético, ou seja, de 10 textos em que houve ocorrência de um mesmo OD apresentado pelos modos verbal e imagético, em 100% deles a recategorização aconteceu via OD imagético. Esse último funcionamento das IRs é semelhante ao das tiras e sua explicação, no que se refere aos anúncios, recai, sobretudo, no estilo e composição do gênero que se utiliza comumente de imagens para tornar a mensagem publicitária mais sedutora, rápida e democrática.⁴¹

Por tudo isso, a imagem enquanto OD funciona na publicidade de maneira estratégica, recobrando, sobretudo, a necessidade de o enunciador orientar pontos de vista, colaborando ao cumprimento da função social do gênero: vender. Essa recategorização impingida pelo OD no modo imagético relaciona-se à frequência elevada de IR com função avaliativa, conforme proposta classificatória de Silva (2013).

Sobre o anúncio 1, exemplo (09), é possível falar que tanto o OD verbal (“os troncos que você serrou”) como o imagético (tronco serrado) trabalham argumentativamente para o propósito de persuadir o coenunciador de que o meio ambiente deve ser preservado. Todavia, a recategorização por meio do OD imagético é potencialmente mais sugestiva. Eis a explicação.

Formalmente, a argumentação da IR por meio do OD verbal “os troncos que você serrou” foi atualizada na forma de uma oração adjetiva restritiva (“que você serrou”) que funciona como um modificador do núcleo do sintagma nominal “troncos”: não se trata de quaisquer troncos, mas daqueles que foram serrados pelo coenunciador a quem se dirige o produtor do anúncio. Já a argumentação da IR recategorizada por meio do OD imagético tronco serrado é altamente sugestiva, porque insinua metonimicamente um tronco serrado com um par de olhos que lembram semblante de tristeza e estão direcionados a quem supostamente serrou os troncos. Nesse sentido, a carga avaliativa confirma-se quando esse OD imagético tronco serrado remete ao OD verbal “eu”, rea-

⁴⁰ A exceção é o anúncio 11.

⁴¹ Democrática, porque mesmo os leitores que não são alfabetizados ou que são, mas têm um grau mínimo de letramento, conseguem ter acesso à imagem e produzir sentido.

lizado por meio de pronome dêitico pessoal. Isto é: não se trata de qualquer pessoa que viu “os troncos que você serrou”, mas trata-se de um tronco que se apresenta, inclusive, serrado. Assim, prevalece o efeito de sentido mais contundente em relação à recategorização pelo OD imagético: o dizer de quem sofre a ação sobre a qual enuncia (no caso o tronco serrado) tem mais peso do que o dizer de quem fala sobre algo pelo qual não passou. Agora, se se considerar esses ODs em correlação direta (o tronco serrado e “eu”), haverá o processo referencial anafórico direto, já que o referente mantém-se e, no caso dos OD imagéticos, essa recuperação pressupõe notadamente um novo viés ao OD recuperado; por isso a recategorização do OD pelo modo imagético.

Ainda é possível verificar no anúncio 1, exemplo (09), outro dêitico pessoal configurando uma IR: o OD verbal “você”. Aliás, em 9 (81,81%)⁴² dos 11 textos analisados, o pronome pessoal (eu e você) com função dêitica foi recorrente, aparecendo de forma implícita (recuperável pela desinência e concordância verbal) ou explícita. Desses 9 textos, em todos, o uso do pronome foi proposto como uma forma de interação entre anunciante e leitor. Esse funcionamento pode ser explicado em função da necessidade de interlocução que o anúncio publicitário requer para sua configuração. Dada a função social dos anúncios prioritariamente ser a venda de uma ideia, um produto ou um serviço, o enunciador deve mobilizar estratégias de aproximação com o coenunciador, uma vez que precisa ganhar a confiança deste para persuadi-lo sobre o produto, serviço ou ideia que pretende vender. Uma dessas estratégias é sugerir uma conversa com o coenunciador e tal recurso pode ser viabilizado por meio do uso de pronomes pessoais. Assim, além da função de apontamento na situação de comunicação, as IRs por meio de pronomes dêiticos pessoais nos anúncios publicitários apresentou função discursivo-argumentativa. Considere o anúncio 9, exemplo (10):

(10)



O OD realizado por meio do uso do pronome pessoal do caso oblíquo “nos” que se configura como uma IR claramente marca a aproximação pressuposta pelo enunciador com o leitor do anúncio, de modo a fazer com que este compartilhe do sentimento daquele; seria o “nós” inclusivo (BARROS, 2002).

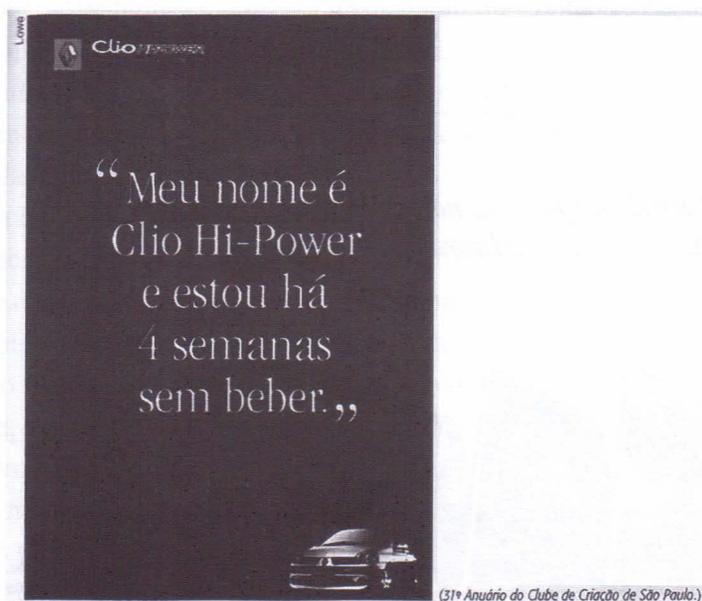
⁴² Exceção dos anúncios 3 e 8.

Utilizando-se do dispositivo-K, o enunciador antecipa situações, prevendo, inclusive, reações dos coenunciadores, como é o caso desse texto: parte-se do conhecimento social de que a morte inviabiliza a presença física de alguém, causando saudades. De posse dessa cognição social e prevendo que o sentimento de saudade é comum a todos que perdem alguém, o enunciador toma a liberdade de incluir o leitor no texto, gerando uma aproximação e, assim, referendando sua tese final: Rachel de Queiroz pode ter morrido, mas não é preciso sentir saudades, porque seus livros, de alguma forma, imortalizam-na.

O uso do “nós” inclusivo foi constatado em 4 anúncios,⁴³ inclusive pelo uso do pronome possessivo que indica a primeira pessoa do discurso no plural. Esse uso do “nós” inclusivo medeia algum tom de autoritarismo que porventura o anúncio pudesse suscitar, como o anúncio 2, exemplo (12) *a posteriori*, que conclama o coenunciador a agir “Vamos acabar com esta espécie”. Assim, o “nós” inclusivo revela modéstia, ressaltando o trabalho coletivo (o “eu” anunciante e o “você” leitor que se torna “nós”), propiciando participação do leitor e sugerindo maior relação de proximidade do anunciante com o coenunciador a quem se dirige. No caso dos anúncios 4 e 5, venda de serviço, “Esse *nós* tem uma pitadinha de modéstia e de valorização do trabalho em equipe e, ao mesmo tempo, de autoridade do grupo”, conforme explica Barros (2002, p. 27).

Houve também ODs realizados por meio de pronomes diferentes do pessoal, mas que exerceram função dêitica. Essa foi outra regularidade do *corpus*: apareceu em 5 de 11 textos (45,45%), como é o caso do anúncio 10, exemplo (11):

(11)



Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 187).

O OD composto pelo sintagma nominal “meu nome” apresenta um pronome possessivo (“meu”) que indicia o dono do enunciado na situação de comunicação, por isso tem função dêitica. Além disso, a ocorrência de um pronome pessoal implícito (“eu estou”) após o pronome

⁴³ Anúncios 2, 4, 5 e 9.

possessivo e o uso de aspas reforçam a identificação do sujeito discursivo que, no caso, é o OD imagético carro Clio Hi-Power.

Quanto ao uso do pronome possessivo com função dêitica, com exceção do pronome possessivo “seu” em “Consulte *seu* agente de viagens” (anúncios 4 e 5 – ver anexos) que se refere ao leitor do anúncio, em todas as passagens descritas, o pronome possessivo identifica o anunciante da publicidade no cotexto, por isso, analisado como dêitico pessoal. Essas ocorrências do pronome possessivo como dêiticos pessoais somente reafirmam o sexto princípio referencial da abordagem da não menção cotextual que diz “Não se pode, *a priori*, estabelecer uma relação fixa entre formas de expressão referencial e tipos de campos de onde se origina a informação que elas veiculam” (CAVALCANTE, 2011, p. 49).

No que concerne a funções das IRs nos anúncios, apresento a análise do anúncio 2, exemplo (12).

(12)



(O Estado de S. Paulo, 4/12/2003.)

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p.155).

Trecho verbal: “Lixus tietês typicus. Vamos acabar com esta espécie.

Em janeiro e fevereiro é a vez do Rio Tietê ganhar vida nos painéis Eletromídia.

Veja como colaborar para a despoluição dele.

Ajude a reviver um dos símbolos de São Paulo. Reviva o Tietê”.

Indiscutivelmente, a imagem do OD peixe chama a atenção dos leitores, por conta especialmente do tamanho da imagem em relação ao tamanho do enquadre e pela composição desse peixe a partir de materiais recicláveis. Esse OD imagético configura-se como uma IR com múltiplas funções concomitantes: i) despertar a curiosidade e a necessidade de confirmação do referente; ii) encapsular informações e iii) orientar um ponto de vista (SILVA, 2013). Se se entende que o OD imagético peixe difere da versão pública de peixe que o leitor do anúncio tem, cumpre-se

a função de despertar a curiosidade e a necessidade de confirmar o referente. Outro entendimento concomitante quanto à função do OD imagético peixe é a capacidade que ele tem de possibilitar o resumo das informações do anúncio que visa, em geral, alertar a população paulista quanto à necessidade de despoluir o rio Tietê e cobrar sua ajuda. Assim, por meio de sua composição com materiais recicláveis, o OD imagético não apenas recupera e resume o conteúdo posto de forma implícita e explícita pelo anúncio como também recategoriza esse conteúdo difuso. E essa recategorização, por fim, admite outra função do OD: orientar um ponto de vista. Essa orientação se dá pela recategorização do peixe por meio de um aspecto negativo de sua composição: o animal é constituído por meio de materiais recicláveis que são encontrados no rio Tietê, lugar impróprio para tais materiais.

Esse funcionamento quanto à coexistência de funções para uma mesma IR aconteceu em todos os textos do *corpus* (100%). E mais: a função de orientar um ponto de vista ocorreu em 10 (90,90%)⁴⁴ dos 11 textos. A regularidade quanto a essa função confirma os propósitos sobre os quais o gênero anúncio é criado: seduzir o leitor sobre o que é anunciado por uma dada organização (comercial ou não) e persuadi-lo à ação de comprar. Especialmente no anúncio 11, exemplo (13), essa função avaliativa não pôde ser constatada, o que pode ser explicado por meio do propósito do anúncio cuja intenção primeira, conforme arranjo da materialidade textual, não foi a venda de um produto, ideia ou serviço, mas a realização de uma homenagem aos caminhoneiros pelo dia do motorista.

(13)



Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p.231).

Trecho verbal: “Homenagem a (200, 100, 50) m. Bem-vindo à Homenagem. Parabéns da Ford a todos os caminhoneiros. Ford. 25 de julho. Dia do motorista”.

Voltando ao anúncio 2, exemplo (12), quero fazer mais um destaque em relação a outra IR desse anúncio. Além do OD imagético peixe, há a IR por meio do OD verbal “Lexus tietês ty-

⁴⁴ Exceção do anúncio 11.

picus”. Essa IR já aparece recategorizada haja vista que a expressão não existe oficialmente para uma espécie de peixe assim como a imagem do peixe feita de material reciclável. Assim, o enunciador, munido do dispositivo-K, buscou o conhecimento partilhado, sócio-histórica e culturalmente, de que expressões latinas designam cientificamente espécies de animais. Nesse sentido, é possível dizer que se trata de uma IR recategorizada intertextualmente, por apresentar relações com outros textos, especificamente com a denominação latina para espécies. A partir desse conhecimento, o enunciador criou uma nova expressão (um neologismo) para designar o peixe do rio Tietê, por isso o uso pensado e sugestivo de cada vocábulo da expressão, como se ela designasse em linhas gerais o “lixo típico do Tietê” que, por analogia, refere-se ao que é típico em rios: peixes.

O uso dessa base de conhecimento comum a partir de um sistema de nomenclatura científica para designação de espécies permite a afirmação de que esse neologismo constitui-se em uma estratégia do enunciador para conseguir a adesão de seu coenunciador: a utilização de um OD que remete de algum modo a uma noção científica (condição intertextual) traz mais credibilidade ao que se propõe, o que justifica também a função avaliativa dessa IR recategorizada. Quanto a essa estratégia do produtor, Van Dijk (2012) já a previu na teoria dos modelos de contexto, especificamente no pressuposto de que os modelos são amplamente planejados: “existe uma série de estratégias muito difundidas que automatizam parte das representações” (p. 176).

Para concluir a exposição do funcionamento das IRs nos anúncios, apresento algumas considerações sobre a marca/logomarca dos anunciantes.

Evidentemente, em se tratando de anúncio publicitário, uma de suas configurações composicionais é o uso da marca ou assinatura. Em apenas um anúncio, o 9º, exemplo (10), não há uma marca propriamente dita, da maneira como, em geral, aparece nos anúncios: nome do anunciante escrito de maneira personalizada a tal ponto que é possível identificar esse anunciante de imediato; uma logomarca. Nesse anúncio, exemplo (10), por se tratar de uma homenagem a uma escritora que acabara de falecer no momento da produção do texto,⁴⁵ não há logomarca. Mesmo não havendo logomarca, esse texto foi enquadrado na categoria anúncio, primeiro, porque cumpriu os critérios eleitos para a coleta do *corpus*, conforme já apresentados, segundo, porque, implicitamente, além da homenagem a ideia é vender um produto: livros da escritora Rachel de Queiroz, já que ter esses livros minimiza a ausência da perda física da autora. Semelhante ocorrência acontece com o anúncio 11, exemplo (13), que homenageia os caminhoneiros pelo dia do motorista. Todavia, a homenagem é feita por um anunciante que vende automóveis. Assim, implicitamente, o que se almeja além do tributo é a venda de produtos do anunciante a esse público.

Feitas essas observações, dos 10 textos que apresentaram logomarca, em 100% deles essa se configurou como uma IR, assegurada a premissa da não linearidade quanto à leitura dos modos verbal e imagético no mesmo enquadre. Dos 10 textos em que a logomarca apareceu como IR, em 9 deles (90%)⁴⁶ as funções dessas IRs além de apresentarem o referente foram: recuperar a informação na memória supostamente partilhada e encapsular informações.

⁴⁵ Essa informação está disponível no livro didático de onde o *corpus* foi retirado: “O anúncio a seguir foi publicado no dia 04/11/2004, ou seja, um dia depois da morte da escritora Rachel de Queiroz, que escreveu os romances ‘O quinze’ e ‘Memorial de Maria Moura’, entre outras obras.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 108).

⁴⁶ Exceção do anúncio 2.

4.3 Destaques do funcionamento das IRs

Conforme funcionamento das IRs nos gêneros tira e anúncio publicitário, quero destacar especialmente quatro ocorrências.

A primeira delas diz respeito à regularidade desse processo referencial em todos os textos verbo-imagéticos do *corpus*, independente do gênero, o que possibilita a generalização desse funcionamento, a partir dessa pequena amostra, a textos que se compõem dos modos verbal e imagético. Em linhas gerais, as diferenças quanto ao processo de IR referem-se ao modo como se apresentam em um e outro gênero.

Na tira, quanto ao lugar de ocorrência, a preferência da IR deu-se pelo primeiro enquadre, embora esse processo não se tenha limitado a essa cena. A explicação para a aparição privilegiada dos ODs no primeiro enquadre simplesmente obedece à lógica do momento inicial da narrativa, favorecendo essa apresentação. A não limitação ao primeiro enquadre das ocorrências de IR, em grande parte, pode ser explicada pela composição do gênero no que se refere ao estilo: o último enquadre das tiras é responsável pelo humor e, geralmente, ele acontece por meio da aparição de um novo OD sem nenhum tipo de âncora (como a guilhotina, na tira 11 – ver anexo), o que gera a quebra de expectativa, efeito necessário ao riso.

No anúncio, por tratar-se de um enquadre apenas, essa IR, considerando a não linearidade quanto à leitura dos modos, apresentou uma recorrência quanto à forma como ela apareceu no enquadre: em todos os anúncios que primaram pela configuração estrutural típica do gênero (corpo do texto e a marca/logomarca), a logomarca do anunciante configurou-se como uma IR, o que revela um funcionamento referencial embasado por uma característica composicional do gênero.

A segunda ocorrência que quero focalizar é a forma como a IR estabeleceu-se nos dois gêneros do *corpus*. Em geral, tanto a tira quanto o anúncio apresentaram ODs comuns nos dois modos de significação, sendo o modo imagético responsável pela recategorização desses ODs comuns. No anúncio, em todos os textos em que houve ODs comuns apresentados concomitantemente pelos dois modos de significação, à imagem foi atribuída função recategorizadora. Essa totalidade de funcionamento da recategorização por um OD imagético também foi vislumbrada na tira, preferencialmente, no primeiro enquadre.

Essa predileção da recategorização pela imagem em ambos os gêneros confirma pressupostos de que a imagem, se comparada com o modo verbal, tem condição de mais rapidamente mostrar a desestabilização (sócio-histórica e culturalmente convencionada) de versões públicas de referentes e também de (re)orientar a condução de um ponto de vista, confirmando o sétimo princípio da abordagem da não menção referencial, que versa sobre a capacidade de tudo sofrer desestabilização, de tudo poder ser “decategorizado”, configurando a relação paradoxal entre instabilidade e estabilidade referencial que os ODs sofrem. Não é à toa que há tiras e anúncios publicitários que se compõem apenas desse modo de significação, a imagem, e nem por isso deixam de cumprir com sua função social como gêneros discursivos que funcionam em determinadas esferas de comunicação, atendendo a propósitos comunicativos dos sujeitos sócio-históricos ideológicos que os manipulam.

A terceira ocorrência que resalto é sobre o uso de pronomes pessoais com função dêitica nos textos verbo-imagéticos dos dois gêneros, sendo maior sua recorrência no anúncio publicitário.

Na tira, o uso dos pronomes pessoais dêiticos estava relacionado, sobretudo, à identificação do sujeito do discurso, no caso, os personagens. Levando-se em consideração que a tira é uma narrativa, cumpre-se, em princípio, a função esperada para esse tipo de pronome em uma sequência narrativa: referir-se a personagens dentro da própria trama/enredo, quando de sua interlocução.

Já no anúncio, esses pronomes que identificam os interlocutores na situação de comunicação apresentaram variação em relação ao funcionamento da tira, dado o objetivo sociointerativo do gênero: vender. A grande ocorrência do pronome dêitico pessoal deveu-se à necessidade de interação com o leitor do anúncio de maneira direta, sugestionando uma “conversa”. Esse funcionamento pode ser explicado em função da necessidade de interlocução que o anúncio publicitário considera para sua configuração, já que o enunciador deve mobilizar estratégias de aproximação com o coenunciador, de modo a ganhar a confiança deste para persuadi-lo sobre o produto, serviço ou ideia que pretende vender. Uma dessas estratégias é pressupor uma conversa com o coenunciador e tal recurso pode ser viabilizado por meio do uso de pronomes pessoais. Assim, além da função de apontamento na situação de comunicação, as IRs por meio de pronomes dêiticos pessoais nos anúncios publicitários tiveram função discursivo-argumentativa.

Barros (2002) analisa, sob a luz da semiótica discursiva francesa, a escolha das pessoas no discurso publicitário de grandes bancos, mostrando os efeitos de aproximação ou distanciamento no uso dos pronomes. Para isso, a pesquisadora apresenta dois tipos de discurso: um de aproximação, em que se tem a primeira e a segunda pessoas, no tempo do “agora” e no espaço do “aqui”, e outro de distanciamento, em que prevalece a terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá”. Coincidentemente à análise que ela efetivou, a que apresentei recupera dois dados similares no que concerne ao uso da primeira e segunda pessoas do discurso no sentido de aproximação: primeiro, a não preferência pela uso da primeira pessoa do singular “eu” – no *corpus* desta pesquisa, houve apenas uma ocorrência da primeira pessoa no anúncio 1, exemplo (09), “Eu vi [...]”, em que o “eu” coincide com o OD imagético tronco serrado, implicando um grau maior de intimidade; e segundo, a preferência declarada pela segunda pessoa do singular “você”, que pressupõe a aproximação por meio do que chamo de “conversa”. Nas palavras de Barros, o uso do “você” aproxima-se da fala, em que pares exercem ação recíproca e dialógica: “O emprego de você para o destinatário produz os efeitos de cumplicidade e comprometimento com o cliente, de interesse por ele, que é, dessa forma, colocado como a finalidade primeira das ações do banco” (BARROS, 2002, p. 27).

Embora Barros tenha analisado anúncios publicitários de bancos e eu anúncios publicitários de três categorias distintas – venda de ideias, serviços e produtos –, a constatação é semelhante quanto ao uso da primeira e segunda pessoas do discurso: o que se almeja é aproximar-se de uma “conversa”. Além dos efeitos de identificação provocados pelo uso do “nós” inclusivo (especialmente na categoria venda de serviços, por meio de pronome possessivo), o efeito da proposta de aproximação pela simulação de uma conversa ficou evidente pela predileção do uso de “você” – constante em todas as categorias.

A quarta e última ocorrência que destaque relaciona-se às funções das IRs nos textos verbo-imagéticos. Tanto na tira quanto no anúncio houve coexistência de funções para as IRs e, dentre elas, destaca-se, pela frequência no *corpus*, a função avaliativa. Essa função era esperada no

anúncio que se organiza em torno da persuasão, portanto, nesse gênero, o enunciador mune-se de estratégias que visam à condução de um ponto de vista. Como visto, em sua maioria, essa condução deu-se pelo OD no modo imagético, graças ao poder da imagem em reconduzir de forma rápida as versões sócio-históricas e culturais dos referentes. Na tira, a responsabilidade por uma orientação argumentativa também ficou a cargo das IRs realizadas pelos ODs no modo imagético. Nesse caso, o propósito não era a persuasão, como no anúncio, mas, sobretudo, a condução da narrativa para o desfecho inesperado e cômico; em outras palavras, a orientação para a quebra de expectativas com vistas ao riso. Disso, o que se depreende é a confirmação do décimo princípio da abordagem não atrelada à menção referencial: “Todo processo de referenciação exerce uma função argumentativa” (CAVALCANTE, 2011, p. 157).

5 REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis. Référent sans expression référentielle: gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle. In: NÉMETH, Enikő (Ed.). *Pragmatics in 2000: selected papers from the 7th International Pragmatics Conference*. Antwerp: International Pragmatics Association, 2001, p. 30-38. v. 2. Disponível em: <<http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/87/01/79/PDF/IPrA.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Interação em anúncios publicitários. In: PRETI, Dino (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p.17-44. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6835644/Dino-Preti-INTERACAO-NA-FALA-E-NA-ESCRITA>>. Acesso em: 23 jan. 2014.
- BUNZEN, Clécio dos Santos; ROJO, Roxane. Livro didático de língua portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In: VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Org.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2005.
- CAGNIN, Antônio Luís. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- _____. Processos de referenciação: uma revisão classificatória. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGUÍSTICA, 19., 2004, Maceio. *Anais...* Maceió: UFAL/ANPOLL, 2004.
- _____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore. G. V.; MORA TO, Edwiges; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*, 9º ano. 5. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009.
- CIULLA e SILVA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo*

literário dos contos. Fortaleza, 2008. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COSTA, Maria Helenice Araújo. *Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão*. 2007. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. Tradução de Luís Carlos Borges e Alexandre Boide. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça Grunfield. Linguística textual: retrospecto e perspectivas. *Alfa*, São Paulo, v. 41, p. 67-78, 1997.

LEITE, Ricardo Lopes. *Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza/CE, 2007a.

_____. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV*, João Pessoa, v. 1, n. 1 e 2, p. 9-40, out. 2003.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. *Guia de livros didáticos: PNLD 2011 - Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010.

RAMOS, Paulo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 424 f. Tese (Doutorado em Filologia em Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

SILVA, Franklin Oliveira. *Processos de referenciação no gênero notícia*. 2004. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

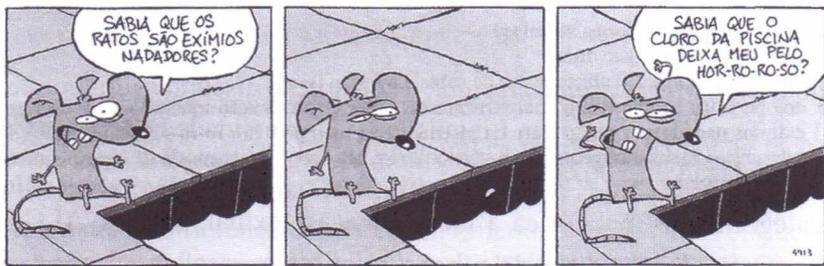
_____. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. 126 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

6 ANEXOS

6.1. Tiras



Tira 1

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 23).



Tira 4

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 119).



Tira 7

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 183).



(Jim Davis. *Garfield está de parabéns*. Portugal: Meriberica/Liber, 1997. p. 53.)

Tira 10

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 245).

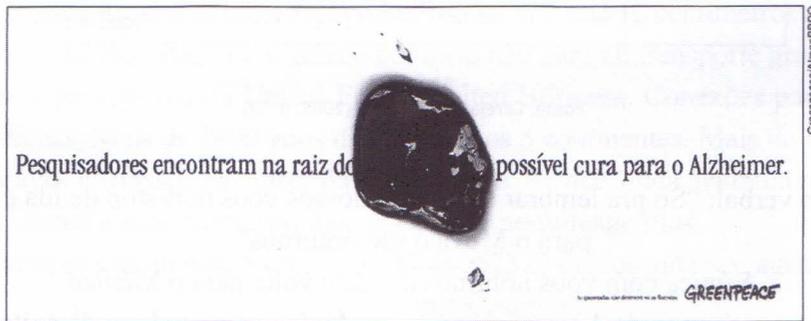


(Rui S. *Revista E*, nº 9.)

Tira 11

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 246).

6.2 Anúncios publicitários



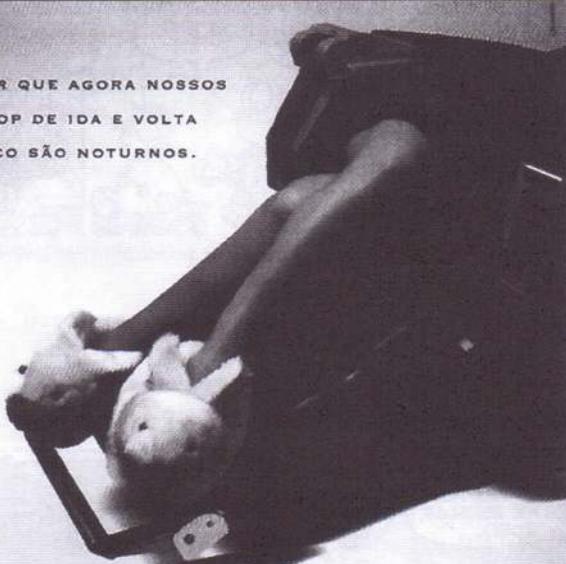
(31º Anuário do Clube de Criação de São Paulo.)

Anúncio 3

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 212).

Trecho verbal: “Pesquisadores encontram na raiz do... possível cura para o Alzheimer. As queimadas não destroem só as florestas”.

SÓ PRA LEMBRAR QUE AGORA NOSSOS
VOOS NON-STOP DE IDA E VOLTA
PARA O MÉXICO SÃO NOTURNOS.



A ÚNICA COM VOOS NOTURNOS DE IDA E VOLTA PARA O MÉXICO

Agora os voos da Aeroméxico para o México vão e voltam de noite. Isso significa que você não precisa mais perder um dia de trabalho viajando. Voe Aeroméxico e tenha bons sonhos.

 **AEROMEXICO.** 
A companhia aérea mais pontual do mundo.

Consulte seu agente de viagens ou ligue para Aeroméxico - fone 11 3253-3888 www.aeromexico.com • e-mail: promocao@aeromexico.com.br

(IstoÉ, nº 1771)

Anúncio 4

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 29).

Trecho verbal: “Só pra lembrar que agora nossos voos non-stop de ida e volta para o México são noturnos”.

A única com voos noturnos de ida e volta para o México.

Agora os voos da Aeroméxico para o México vão e voltam de noite.

Isso significa que você não precisa mais perder um dia de trabalho viajando.

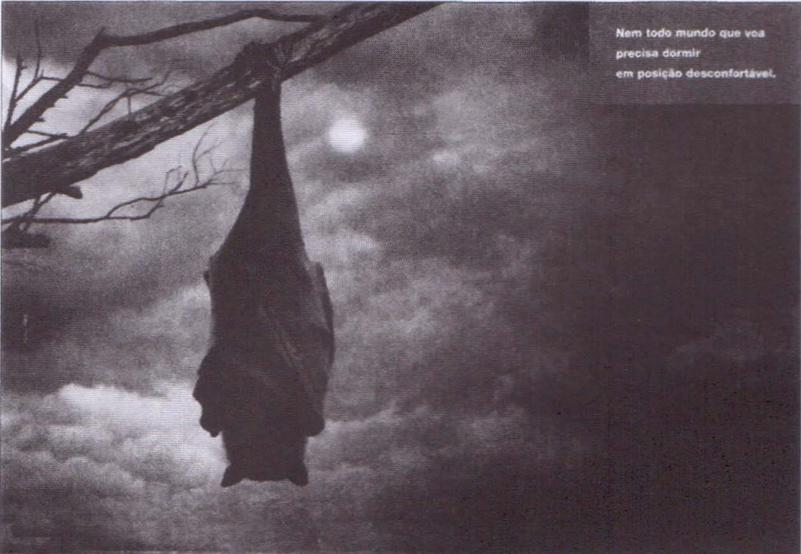
Voe Aeroméxico e tenha bons sonhos.

Aeroméxico. A companhia aérea mais pontual do mundo.

Consulte seu agente de viagens ou ligue para a Aeroméxico.

Fone 11-32533888 - www.aeromexico.com

email: promocao@aeromexico.com.br”



Nem todo mundo que voa precisa dormir em posição desconfortável.

Voe United: poltronas que se transformam em camas totalmente horizontais com 2 metros de comprimento na United First[®] dos novos e espaçosos Boings 777. Até 12 centímetros a mais de espaço entre poltronas na Economy Plus[®]. Mas o conforto não para aí: transporte gratuito de casa até o aeroporto para passageiros da United First e United Business[®]. Conexões para a maioria das cidades americanas. Mais de 1800 voos diários para os 5 continentes. Mais de 700 destinos em 120 países, através de nossos parceiros da Star Alliance[™]. E você ainda acumula milhas para voar de graça pela United e suas parceiras, inscrevendo-se no mileage Plus[®]. Faça uma escala no nosso site, ligue 0800-162323 ou consulte seu agente de viagens.

WE ARE UNITED
A STAR ALLIANCE MEMBER

www.united.com.br

(2^o Anúncio do Clube de Criança de São Paulo, p. 89)

Anúncio 5

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 68).

Trecho verbal: “Nem todo mundo que voa precisa dormir em posição desconfortável. Voe United: poltronas que se transformam em camas totalmente horizontais com 2 metros de comprimento na United First dos novos e espaçosos Boings 777. Até 12 centímetros a mais de espaço entre as poltronas na Economy Plus. Mas o conforto não para aí: transporte gratuito de casa até o aeroporto para passageiros da United First e United Business. Conexões para a maioria das cidades americanas. Mais de 1800 voos diários para os 5 continentes. Mais de 700 destinos em 120 países, através de nossos parceiros da Star Alliance. E você ainda acumula milhas para voar de graça pela United e suas parceiras, inscrevendo-se no mileage Plus.

Faça uma escala no nosso site, ligue 0800-162323 ou consulte seu agente de viagens.

www.united.com.br.

We are United. A star alliance member”.

Fischer América

*Pra ficar tanto tempo voando,
é preciso ter bons parceiros.*

Uma homenagem aos 28 anos da TAM e a nossa parceria.

Soluções para Aviação. A BR é mais presente.

BR AVIATION

(Revista TAM, ano 1 nº 5.)

Anúncio 6

Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 90).

Trecho verbal: “Para ficar tanto tempo voando, é preciso ter bons parceiros.
Uma homenagem aos 28 anos da TAM e a nossa parceria.
Soluções para Aviação. A BR é mais presente. BR Aviation”.



SUCOS DEL Valle Light

Reprodução

VOCÊ NÃO SABE O QUE ESTÁ PERDENDO.

(Revista Gula, nº 96.)

Anúncio 7
Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 62).

Anúncio 8
Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 85).

Trecho verbal:
“Quando as mulheres chegaram aos escritórios de design, a vida melhorou também para as donas de casa. Mudar facilita a vida. Bettanin 2003”.



Quando as mulheres chegaram aos escritórios de design, a vida melhorou também para as donas de casa.

SABE? Mudar facilita a vida. BETTANIN 2003

Novafarma

(Claudia, nº 500.)